

A geração de 60 em Portugal*

Rui d'Espiney

I. Introdução

Para quem viveu - como será o caso de muitos dos presentes nas jornadas - o "soyons réalistes, demandons l'impossible!" gritado nas barricadas de Paris e que assinala o início da geração de 70, pode parecer abusiva a ideia de mudança... de ruptura, mesmo... que associo à geração de 60, ao longo da minha comunicação.

A verdade, no entanto, é que considero a geração de 60, uma geração de descontinuidade: pelos valores culturais, produzidos e consumidos, pelo 'estar' quotidiano, pelos afectos e o modo como viveu e assumiu esses afectos, e, até mesmo, pela forma política que revestiu a sua contestação. Dito de outra forma considero que ela impôs ao universo em que cresceu, novos valores morais (liberalização sexual, rejeição de padrões instituídos na família, etc.), novos campos e concepções culturais (legitimação de campos de produção cultural como a banda desenhada ou o jazz; valorização de formas dominadas de cultura; etc.), novos modos de vida (introdução de novos hábitos de lazer; popularização/massificação de certos espectáculos; etc.)... Não quer isto dizer que todos os seus valores tenham sido novos. Nunca acontece isso.

Os comos e porquês que caracterizaram a sua intervenção, tiveram um contexto que fixou balizas às mudanças e que interagiu com ela em termos tão marcantes que, na verdade, não é possível perceber a geração de 60 sem partir das condições em que se desenvolveu a geração de 40. Daí, aliás o recuo que faço no tempo, antes de entrar no tema propriamente dito!

II. Antecedentes contextuais da Geração de 60

O contexto que vai servir de berço à juventude de 60 leva-nos ao final da guerra, altura em que tomam corpo no nosso país várias escolas culturais... que trazem 'agarradas' a si todo um conjunto de novos valores e atitudes.

* Este texto representa a adaptação possível de uma comunicação apoiada em 100 diapositivos e numa colectânea de músicas, feita nas VI Jornadas de Comunicação e Cultura.

É esse o caso, muito em particular, do *Neorealismo*... sob cujo impulso irrompe o povo, um povo redignificado no dia a dia que o esmaga:

- Sente-se a energia e a riqueza produzida, nos corpos dobrados da 'Fábrica' que Manuel Filipe pintou;

- percebe-se a tenacidade, na frugalidade do 'Almoço do Trolha' de um Pomar;

- há um direito à ternura, na dura luta pela sobrevivência de um 'Aniki Bóbbó' (de Manuel de Oliveira);

- distingue-se o espaço-mulher, na submissão ao preconceito que Penedo descreve em 'Caminhada';

- "Desmanchar?!... - e toda ela se agigantava, de ira. - Mas quem é que consente uma coisa dessas? Ele disse p'ra desmanchar, ele teve esse arrojo?...

- gritava, artérias do pescoço entumeadas - Hás-de ter o teu filho, pr'a tua vergonha! Hás-de tê-lo, sim, hás-de tê-lo, hás-de deitá-lo cá p'ra fora, já que o fizeste!"

- Suspeita-se a revolta, na violência da opressão colonial a que Soromenho alude no seu 'Calenga'.

"Ele chamava ao homem branco muana-calunga, - filho do mar - porque foi do mar, o grande Calunga, que veio essa gente das armas de fogo que, logo, começou a guerrear os filhos da terra, abrindo o seu caminho de mercadores."

- Rejeita-se a prepotência no fatalismo discricionário da (in)justiça que respiga de um "Bairro Excêntrico", de Alcixo Ribeiro:

"Mas o guarda de serviço achou descabida a reclamação. Era com os tribunais..."

- Quer dizer: não interessa. Bem. vai pró saco!

Voltou pra a enxovia: Claro: não interessava um miúdo de rua pobre a quem só pensa"

Numa perspectiva diferente se colocam as outras escolas que também, então se afirmam:

- É a irreverência do *Surrealismo*, patente na poesia de um O'Neil e de um Cesarini, ou nos 'manequins' com que Vespeira enche o seu 'Parque dos Insultos'.

- É o "outro lado do concreto" autoreferido pelo *Abstraccionismo* e que nos remete, por exemplo, para o título dado por Lanhas e um dos seus quadros: '02-44' (número de série de execução do ano em que o pintou).

- É, enfim, a influência *futurista-cubista* que se pode ver num Almada Negreiros.

Divergentes, opostas mesmo, todas estas escolas têm, no entanto, um denominador comum: a reacção contra a *Arte Oficial*, liderada por António Ferro, à frente do Secretariado Nacional de Propaganda desde 1935...Arte monumental, que glorifica e veicula símbolos e valores de "autoridade", "poder" e "nacional patriotismo" - como se pode ver na escultura da exaltação do 'Monumento aos descobrimentos' (de Cottinelli Telmo e Leopoldo de Almei-

da) ou nos baixos relevos esculpidos no Pavilhão dos Desportos por Canto da Maia.

É uma arte que serve o poder e que tem o poder por si - um poder forte, moral, normativo que persegue indiscriminadamente o que não se identifica consigo e com essa arte. Não são só os neorealistas mas também os surrealistas e os abstracionistas que vêem os seus trabalhos censurados.

A necessidade de sobreviver pesa, pois, sobre o conjunto das escolas culturais que se lhes opõem: leituras diferentes do real e da sociedade que são, não chegam, na verdade, a confrontar-se entre si com o vigor verificado noutros países. A solidariedade mútua sobrepõe-se às divergências; os claros/escuros abundam:

- A temática neorrealista entrelaça-se com o traço surrealista em "Apertado pela Fome" de Vespeira.

- A necessidade de congregar esforços estimula a realização de exposições conjuntas. Na 1ª página do Diário da Manhã de 9 de Maio de 1947 pode ler-se em letras garrafais: "A 'frente popular' da arte ou a 'unidade' no pessimismo e na desordem, manifesta-se numa exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes".

- Cesarini e Redol coexistem nos mesmos movimentos políticos (muito em particular no MUD) ... Os surrealistas juntam-se aos grupos políticos clandestinos no apelo que fazem ao voto contra o fascismo.

Mas a 'guerra fria' chega. Salazar, que agira com algum cuidado, depois da vitória dos aliados, solta os seus esbirros:

São presos vários intelectuais: Skapinnakis, Redol, etc.. São postos 'fora do mercado' e apreendidos vários livros. Quadros presentes em alguma exposições são retirados, quando não destruídos.

- O Partido Comunista, única força organizada que existe é quase desmantelado. Os artigos e notícias publicados na 1ª página de número de Janeiro de 1950 do "Avante" traduzem as dificuldades em que o Partido se debate: o assassinio, na cadeia, do dirigente Militão Ribeiro; a falta desesperada de dinheiro ("o partido precisa de centenas de contos"); a preocupação com a situação internacional ("o povo português não quer a guerra"), etc..

- 'Seara Nova' e 'Vértice' são as únicas revistas que sobrevivem...mas reduzidas a temas culturais e, mesmo assim, forçadas a refazer duas e três vezes os números que preparam para publicação.

- A 'República' é praticamente impedida de dar notícias: mantém-se pela solidariedade dos republicanos que a compram. ... E em 51-52, Salazar tem o país silenciado. Hipocritamente vai dizer:

"Agrada-me tudo o que é belo e inteligente e lastimo que Portugal seja neste momento tão pobre no campo das artes" Os mecanismos de dominação vão, pois, funcionar sem entraves em todos os terrenos da sociedade portuguesa.

A política de educação - a educação que a geração de 60 vai conhecer - centrada mas não refuzida à escola, não foge à regra...

...Impõe-se um ensino mecânico, repetitivo: 'livros únicos', rigorosamente escolhidos em função de ideologia, controlam a aprendizagem. Bom exemplo dá-nos a forma caricata como Matoso 'alinda' a posição de Portugal na 2ª guerra mundial: Terminada a contenda, Portugal, que fizera beneficiar a humanidade inteira da sua solicitude meritória, adquiriu novo prestígio no mundo, sem ter faltado aos seus compromissos e sem haver sacrificado a vida dos seus filhos.

...Tentam incentivar-se, da forma mais primitiva, valores chauvinistas e 'patrioteiros':

- A classificação para maiores de 17 anos de um filme violento sobre o Império Mongol ('Maior Império do Mundo') contrapõe-se a classificação para 6 anos do igualmente violento 'Chaimite', apenas porque neste se exaltam os feitos 'heróicos' de Mouzinho de Albuquerque em terras de África.

- No regulamento da Mocidade Portuguesa, de frequência obrigatória, podia ler-se: Art. 2º A M.P. toma como guias ideais da sua acção os grandes exemplos de Nuno Álvares e do Infante D. Henrique e consagra-se, em activa cooperação, à nova Renascença Pátria.

- Nos livros de leitura abundam textos de exaltação patriótica. A evocação heróica dos feitos e grandezas do passado aparece de forma explícita e quase exclusiva em 27 dos textos do livro da 3ª classe não pucos com o cariz patético do que a seguir se reproduz:

"As cores da Bandeira Nacional:

Por ocasião das festas centenárias, um aluno, vendo pintadas com várias cores as bandeiras de Portugal, perguntou ao professor como é que a bandeira portuguesa, mudando de cor através dos tempos, ficava sempre a nossa bandeira.

- Então, porque estes campos e estas serras, que se avistam da escola, são verdes na Primavera, dourados no Estio e brancos quando neva, deixam de ser os mesmos e as mesmas serras?

- Não sr. Professor, porque a terra, os montes e os rios que daqui se avistam ficam sempre os mesmos.

- E, porque a tua Mãe não veste sempre da mesma cor, deixa de ser tua mãe?

- Não, sr. Professor, porque o coração e os olhos de minha mãe são sempre os mesmos."

... Cultiva-se a submissão das consciências pela imposição do domínio da religião católica:

- Salazar deixa-se fotografar beijando com "devoção" e "humildade" a mão do Cardeal Patriarca.

- O regulamento da Mocidade Portuguesa excluía explicitamente os ateus: 2º A M.P. cultivará nos seus filiados a educação cristã tradicional do País, nos termos do 3º do artigo 43º da Constituição Política, e em caso algum admitirá nas suas fileiras um indivíduo sem religião.

- As evocações religiosas atravessam de forma aberta os livros escolares. As últimas 30 páginas do livro de leitura da 3ª classe eram mesmo, exclusivamente dedicados à "doutrina cristã"... páginas que se vinham, assim, juntar às que constituíam o compêndio de Religião e Moral católicas, obrigatoriamente ministrado.

...Toda a formação se orientava para o respeito e a obediência à autoridade e ao Estado.

- As crianças eram educadas, desde a mais tenra idade a venerar de forma absoluta,

"O Governo da Nação:

Dentro da nossa família, os pais e outros superiores têm o encargo de velar pela nossa educação e por tudo o que nos é necessário para a vida. Exercem, por isso, uma autoridade a que devemos obedecer.

Na grande família que é a Nação portuguesa há também autoridades que nos governam e a quem compete cuidar da organização e orientação dos serviços públicos (...)

Todos os portugueses devem respeito e obediência ao Governo da Nação."

(Do livro de leitura da 3ª classe)

- Do manual de enfermeiro extraiu-se a seguinte regra de obediência e de fidelidade:

2ª Obediência e fidelidade ao médico.

- Lembre-se o enfermeiro de que não é nem pode ser médico. O seu dever relativamente ao médico é estar pontual e escrupulosamente às suas ordens, e não lhe desobedecer, a não ser em caso de engano evidente. Mas neste caso não deve expor a ninguém o seu juízo e o do médico, fazendo confrontos entre ambos.

Na própria publicidade se encontra esta linha de preocupações. Num cartaz onde se lê: "Fora com os sabonetes comuns que estragam a pele! ... prefira o sabonete LEGIONÁRIO NALLY", pode ver-se um legionário com corpo de sabonete, de baioneta espetada num sabonete onde não é difícil distinguir o homem comum.

O quotidiano é, de resto, todo ele, invadido pelo que de uma forma ou de outra aliene o cidadão da política e dos problemas reais do país:

- Nas salas de espectáculo predominam as comédias, e em primeiro lugar as comédias musicais. À mais pequena "audácia", era interdita a sua exibição.

- Nos estúdios de produção joga-se com o clubismo e o gosto pela Tourada e pelo Fado, trazendo-se para a tela Alberto Ribeiro, os "violinos" do Sporting ou Manuel dos Santos. Como diz João Benard da Costa, a "lei da rolha", imposta ao cinema em 48, renunciou a "tristeza mais ou menos vil, que o cinema português conheceria nos anos 50".

- A rádio enche os ouvidos com canções "cheia de coisa nenhuma". Francisco José é a vedeta portuguesa mais recordada num inquérito informal que tive a oportunidade de fazer: "ai como é bom gostar de alguém", "teus olhos castanhos", algumas das poucas músicas referidas também neste inquérito.

É, pois, neste clima de opressão organizada e sistemática - onde, no entanto, subsistem, dissonantes, as formas de contestação dos anos 40 - que a geração de 60 vive a sua meninice e puberdade. Usando um simbolismo diríamos: entre o apelo à luta de uma *Guernica* que vê em casa e a chamada à alienação do folhetim radiofónico da coxinha que o TIDE patrocina!

III. As condições e os eventos de mudança

Diferente será, contudo, a situação que enfrentará na adolescência por factores vários que entretanto vieram alterar esta situação.

Em primeiro lugar, acelera-se rapidamente o processo de industrialização: o movimento migratório, que lhe está associado, cria condições a uma maior dinâmica reivindicativa nos campos alentejanos; ... a formação de grandes concentrações fabris facilita a organização e a combatividade operária; ... as lutas por melhores salários começam a ser notícia corrente dos 'Avantes' que se publicam a partir de 1955...

Em segundo lugar, atenua-se a 'guerra fria' e Salazar percebe que é necessário mudar alguma coisa para que nada mude: as ilusões criadas com a abertura de uma ala 'liberal' (legislativas de 57) na Assembleia Nacional estimulam a formação de grupos democráticos 'legalistas' e estendem-se à própria direcção do Partido Comunista - que aparece a defender a possibilidade de uma mudança do Regime por via pacífica e a partir 'de dentro'.

Em terceiro lugar, estala a crise de ideias no movimento revolucionário e comunista mundial:

- O XX Congresso do P.C. da URSS abre caminho à rotura sino-soviética; a luta de ideias em torno da teoria política acende-se quebrando uma prática e hábitos de rotina e seguidismo (redescobre-se Lenine, Marx, etc.).

- Em Bandung (1955) os movimentos nacionalistas demarcam-se do movimento operário dos países industrializados e declaram guerra ao colonialismo e ao imperialismo. A declaração de princípios em 10 pontos que subscrevem passa a pautar a intervenção de todo o movimento de libertação nacional: é a irrupção do chamado 3º Mundo!

Em quarto lugar, começam a chegar da Europa e dos Estados Unidos sinais da grande inquietação que percorre, de várias formas, a juventude: a impertinência (suicida) de um James Dean... a irreverência de um Elvis... o fascínio da acção, da aventura, dos 'gangs'... o desafio aos 'tabus' sexuais. Na música, como no cinema, nos folhetins como na publicidade, nos próprios assuntos que são notícia, torna-se patente a liberalização dos padrões morais dominantes; os apelos à ternura, ao amor (à naturalidade do amor...), etc., sobrepõem-se paulativamente aos preconceitos - veja-se o "Three coins in de Fountain", "O amor é uma coisa maravilhosa", o conteúdo da música dos festivais de canção que então se inauguram, etc..

É nas condições criadas por estes factores que adquirem particular importância as eleições de Delgado: com estas, a geração de 40 volta a agir; o país agita-se de Norte a Sul; o regime treme.

O movimento acaba por ser reprimido sem deixar alternativas! Mas a fracção da Juventude que acompanha esse movimento - e que nele deposita as suas expectativas - recusa o beco em que se vê lançada: a nova realidade social e cultural em que se sente, torna-se exigente.

Vai, por isso, 'mexer-se', levando consigo os seus comos e porquês. A sua contestação - uma contestação cada vez mais politizada - manifestar-se-á, num crescente, em todos os campos do quotidiano da sociedade portuguesa, lançando no seu seio as sementes da mudança.

...Contra a aculturação do cinema comercial e em defesa do filme de qualidade e de intervenção, erguem-se os cine-clubes a que dá corpo ou a que adere. Ocupando toda uma página de um Boletim do C.C.U.L. uma frase de Gatti mostra-nos como a reflexão política se entrecruza e confunde com a crítica de cinema:

"Não concebo o cinema senão em termos de luta. Luta contra um estado de coisas, luta contra a injustiça." Armando Gatti

...Numa busca de espaço de expressão nascem "Páginas Juvenis..." no 'Diário de Lisboa' e na 'República'. Escolas de criatividade, funcionaram, ao mesmo tempo, como fontes de contestação e crítica (política): na sua colaboração, é patente a esperança na liberdade, a alusão a um amanhã de luta e de vitória.

Heróico-lírico

Quando o último duende
pegou na sua corrente e a levou
a madrugada rompeu
e o milagre deu-se
materializando luz.
Homem,
toma a madrugada
e que ela te floresça nos olhos
e te cintile no aço da enxada
enlameada de sangue.
Toma a madrugada, homem,
e sem a apertares demasiado no teu saco
vai fazer dos poentes madrugada.

(Isabel Maia dos Santos Freitas)

...Contra a música vazia de sentido e 'popularucha' escoam-se nos convívios de jovens, estudantes ou trabalhadores, as 'Heróicas' de Lopes Graça ... ou as canções respigadas dos Álbuns dos 'Chants du Monde' (Robeson, 'Partisans', etc.). No Porto é o Orfeão Universitário que encabeça a acção estudantil. Bem significativa desta realidade vivida no dobrar dos anos 60 é, aliás, a grande percentagem (66%) de inquiridos (pelo inquérito mencionado) que refere uma qualquer forma de ligação com as associações de música então existentes, muito em particular com a Juventude Musical.

- Nas Universidades organiza-se e encorpa o movimento associativo. Em reacção ao decreto 40900 que impõe a tutela governamental sobre as associações, nasce em Lisboa a RIA que, para além das associações, integrará vários dos organismos para-escolares existentes (CCUL, CDUL, etc.). A defesa da autonomia, atacada pela proibição do 'Dia do Estudante' vem a dar origem a uma greve que envolve 20000 estudantes.

- Também os estudantes liceais desafiam a interdição legal de se organizarem fora da Mocidade Portuguesa e criam uma Comissão Pro Associação que se estende a todos os liceais de Lisboa... fazendo sentir os seus efeitos em outras cidades, especialmente no Porto. A liberdade de associação é abertamente defendida no Boletim que publicam (Intervalo).

Também estimulada pelas novas condições e por toda esta intervenção da juventude, a 'velha guarda' reanima-se e ganha mais audácia: os intelectuais levantam-se em defesa de Aquilino, preso por força do seu 'Quando os Lobos Uivam'; a página de 'Factos e Documentos' da Seara Nova, elaborada a partir de uma hábil utilização de recortes de notícias e discurso extraídos dos jornais, transforma-se num instrumento de ridicularização e crítica mordaz ao regime:

"E aquela Angola invadida, que foi ontem de Portugal e hoje é e será amanhã, aquela Angola foi bem a demonstração do que representa este mundo de bárbaros, este mundo de invasores, este mundo que não respeita crianças nem mulheres, velhos e doentes, Angola foi o palco escolhido por eles para a prova do que podem e do que desejam fazer com o mundo livre. Mas Portugal estava desprevenido, mas sempre Portugal, e como Portugal de ontem o Portugal de Angola. Demonstrou e mostrou ao mundo, que a sua gente e as suas terras comandadas por Viriato ou pelo Governo actual do Senhor Presidente do Conselho, do venerando, do quase santo António de Oliveira Salazar (palmas) soube e pode manter as terras portuguesas de Angola."

Lado a lado, empurrando este movimento de alargamento da base legal (e semi-legal) de contestação e crítica, desenvolve-se, clandestinamente, a acção política propriamente dita...

- Sob a inspiração da vitória dos guerrilheiros cubanos vai-se verificar uma série de actos que ajudam a mostrar a vulnerabilidade do, até então, todo poderoso aparelho repressivo governamental: rapto do paquete Santa Maria pelo Capitão Galvão; assalto ao Quartel de Beja sob a condução de Varela

Gomes e Manuel Serra; desvio de um avião, por Palma Inácio, que enche a capital de panfletos.

- O movimento popular, em refluxo desde as eleições de Delgado,, reactiva-se: a manifestação de 5 de Outubro de 1960 assinala o início da viragem; as de Maio de 61, 63 e 63 (em especial as de 62) destacam-se pela mobilização conseguida e os exemplos de combatividade que proporcionam. A repressão, sem contrapartida, que se seguirá, vai estimular um violento confronto de ideias (a que não escapa o próprio Partido Comunista) quanto à via para o derrubamento do regime.

- Mostrando perceber os novos tempos que se vivem, a oposição demo-liberal intervém à luz do dia surgindo, nomeadamente, com um programa de alternativa ao Regime: o 'Manifesto para a Democratização da República'. Vários dos seus subscritores aparecerão, mais tarde, a encabeçar o actual Partido Socialista (Mário Soares, Salgado Zenha, etc.) ou mesmo, ligados ao PSD (Teófilo Carvalho dos Santos, Nuno Rodrigues dos Santos, etc.),

Insuflando o drama em todo este movimento, dá-se o início da guerra colonial logo seguido da invasão de Goa. Os embarques, as notícias (que sempre vão chegando) das atrocidades cometidas funcionam como chicotadas psicológicas, em especial na juventude, chamada para a guerra: - Apesar da histeria colonialista e chauvinista que se segue, o "Deserteur" de Boris Vian é ouvido nas Repúblicas de Coimbra e nas cantinas de estudantes; os apelos à Paz e à solidariedade com os povos das colónias ganham cada vez mais adeptos; as deserções multiplicam-se... A cabeça de negro espetada na baioneta de um soldado e que uma fotografia, clandestinamente divulgada dá a conhecer, constitui um símbolo a que os jovens não podem deixar de reagir.

IV - Os paradigmas da geração de 60

Neste contexto e neste processo de mudança se foram forjando valores - valores que se impõem à geração de 60, estruturando paradigmaticamente os seus consumos e os seus produtos culturais...

1º - *É a defesa de uma nova moral onde o amor aparece reinventado*: de forma cada vez mais frontal e definitiva, assumem-se as relações prematrimoniais, legitima-se o prazer sexual, repudiam-se o preconceito, a sofisticação e o artificialismo.

- A "Carta a uma Jovem Portuguesa", dirigida à namorada pelo estudante de medicina Marinha de Campos, põe a Academia de Coimbra em alvoroço: durante meses, defensores e opositores da liberdade de amar enfrentam-se em assembleia tempestuosas, altamente concorridas.

Desconhecido enquanto acontecimento pelos jovens que se aproximam da Universidade depois dele ter ocorrido - assim se infere do inquérito referido -

ele é, no entanto, o 1º grande sinal do desafio cultural em que a juventude estava a entrar.

- As acusações de 'heterodoxia' política que pesam sobre W. Reich não impedem que muitos jovens o descubram e leiam.

- O terno romance de Tchinghiz Aitmatov, Djamilia, hino à liberdade de escolha no amor contra os convencionalismos familiares, é prenda trocada entre apaixonados.

- Na verdade não é de certo, por acaso, que Daniel Filipe se impõe em 1962, com a sua 'Invenção do Amor', numa mensagem impensável cinco anos antes: Em letras enormes do tamanho do medo da solidão dá angústia um cartaz denuncia que um homem e uma mulher se encontram num bar de hotel numa tarde de chuva entre zunidos de conversa e inventaram o amor com carácter de urgência deixando cair dos ombros o fardo incómodo da monotonia quotidiana Um homem e uma mulher que tinham olhos e coração e fome de ternura e souberam entender-se sem palavras inúteis

2º - *É a crença numa nova Cultura, uma cultura comprometida, militante - a cultura de um futuro em construção no presente.*

- Zeca Afonso evolui do fado de Coimbra para a Balada de intervenção: das guitarras, à denuncia da exploração dos seus "Vampiros" depois de passar pela meia-ironia do 'Menino de ouro'.

- Rapazes e raparigas aparecem (na verdade não se sentem bem doutra forma) a vestir-se de qualquer maneira: impõem, assim, as calças de ganga, as blusas 'matrafonas'... Em parte fazem-no como reacção ao formalismo de vestuário a que se viram (ou vêem) forçados nos liceus; mas, acima de tudo, como um acto de identificação com o cidadão comum (de demarcação face ao 'menino iéié').

- Procuram-se os filmes de tema, com carga política: num inquérito feito a ex-activistas do movimento proassociativo liceal, pode ver-se quais os filmes que, 20 anos depois, mais recordam - "O mundo a seus pés", "Roco e os seus irmãos" e "O Couraçado Potiemkin" partilham entre si a liderança.

- Aproveitam-se as idas a Paris para se ver os chamados "grandes filmes", de exibição proibida no nosso país: "O grande ditador", "O Couraçado de Potiemkin", "Tempestade sobre a Ásia", "As Minhas Universidades", etc..

- Consome-se e produz-se literatura 'comprometida': recuperam-se os neorealistas, procura-se 'sentir' o realismo socialista, vibra-se com a literatura de combate. "Capitães da areia", "A Mãe" de Gorki "Os Subterrâneos da Liberdade" passam de mão em mão; aplaude-se "Pátria Lugar de Exílio":

A morte engatilhada
espera o momento de partir Agora
cumpra-se o ritual

Uma voz grita Viva
a liberdade O coro lhe responde

pontuado de tiros

Canalhas Temos fome
Arranquem as pedras da calçada
Ó meu amor resiste

Resiste de olhos secos
Sem lágrimas Sem medo Só talhada
no sílex da ira

3º - *É o culto da coragem, de uma coragem que se pretende abnegada e perseverante:*

- Incita-se à firmeza perante a polícia: uma vez preso ninguém pode prestar declarações, por mais torturado que seja.

- O herói de "Assim foi temperado o Aço" impõe-se como símbolo de ideal de dedicação altruísta ao homem e ao futuro.

- Até mesmo o amor se concebe (e discute...) na perspectiva de uma ninhada a dois para um futuro que se está disposto a servir, ainda que sem o viver.

- O próprio herói do "western" é acarinhado: o segundo exibido pela Comissão Pro Associação dos Liceus, para angariação de fundos, é "The Man From Laramie"; "O comboio apitou três vezes" e "Shane" aparecem entre os filmes mais bem cotados na análise que se faz (a partir do inquérito mencionado) do interesse que 20 filmes dados causaram, à época; o cine-clube ABC dedica ao "western" um ciclo e um número do seu boletim, onde se pode ler, nomeadamente:

"Há ainda, uma tendência muito generalizada para considerar o "western" como o filme de diversão por excelência: a aventura, o cenário característico (as grandes pradarias, as formações geológicas típicas do Utah, os "canyons", o ar livre), o tema quase inevitável do bem contra o mal, uma certa infantilidade e primitivismo, conjugam-se para fazer do "western" uma forma atraente de cinema, viva, sadia, arrojada e arejada".

4º *É a assumpção da solidariedade desinteressada enquanto forma de estar quotidiana:*

- Atente-se no simbolismo dos emblemas escolhidos para o dia do estudante (as mãos, a corda, o elo da cadeia...).

- Recordem-se os(as) jovens que se fingiram noivos(as) ou se casaram precipitadamente para visitar amigos ou namorados presos.

- E, acima de tudo, tragam-se à memória os 1 600 estudantes que em Abril de 1962 se deixaram prender por se recusarem a abandonar a cantina universitária, onde umas dezenas de colegas faziam a greve da fome em protesto contra os atentados à autonomia universitária.

5º *É, enfim, a afirmação da lealdade enquanto norma de conduta e princípio de relação:*

- O vivo romance de Vaillant "Cabra Cega" (Drôle de Jeu), onde o herói aparece a dormir com uma rapariga enquanto o companheiro desta desenvolve actividade clandestina contra os nazis, é considerado um exemplo de cinismo e decadência.

- Defensora do amor liberto tem, no entanto, uma prática assumida e exaltada de fidelidade afectiva. Os namoros, uma vez começados, mantinham-se anos a fio: quantas vezes, por mero voluntarismo.

Cimentando estes valores - e em grande medida, também os explicando - intervém, omnipresente, a repressão. Desta se recordam alguns exemplos... retirados de um dia a dia em que a realidade dos interrogatórios na António Maria Cardoso se fazia sentir através das ruas e telefones vigiados, vividos num país onde apenas 14% da população exercia o direito de voto:

- Hoje vêm-se, nas ruas e transportes públicos, casais acarinhando-se e beijando-se com total à vontade; nos anos 60, casal que se sentasse num banco de jardim, mesmo sem se tocar, arriscava-se a ser interpelado e identificado pela 'polícia de costumes'.

Significativo do abismo que separa as duas épocas é sem dúvida o depoimento que retirei de um dos inquiridos, do sexo feminino, na evocação que faz no final do inquérito: "Um beijo na rua. Medo, vergonha, desafio - não ficou espaço para o saborear".

- Nos liceus, imperava a disciplina de ferro e a prepotência: em vários estabelecimentos proibem-se récitas e colóquios organizados pelos alunos ou, até mesmo, bailes de finalistas; no Filipa de Lencastre as alunas vêm-se forçadas a estar presentes nas comemorações do dia da raça (dia feriado e sem aulas); no Camões, o reitor Sérvulo Correia obriga os rapazes a usar gravata, a partir do 3º ano (actual 7º unificado); são vários os estabelecimentos onde inclusivamente é interdito correr no recreio; numa nota oficiosa, o Ministério da Educação incita os pais a proibirem os filhos de apoiar o movimento associativo em curso, etc.:

O Século

Por ordem superior os reitores dos liceus enviaram aos encarregados de educação cópia do seguinte despacho do Ministério da Educação Nacional:

"Sabe-se que em vários liceus se tem feito distribuição de papeis através dos quais se procura aliciar os estudantes para um movimento que se apresenta em termos propositadamente vagos e mal definidos, debaixo do rótulo de "Comissão Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Liceal (C.P.A.)."

(...) "Devem os interessados estar prevenidos contra estas tentativas de aliciamento".

- Como então se dizia ironizando "são proibidas reuniões de mais de uma pessoa": todas as manifestações de rua que os estudantes tentaram levar por diante foram dispersas à bastonada; não raro seguiram as instalações universitárias ocupadas pela polícia de choque.

- A intervenção política propriamente dita, mesmo a mais inócua, era contrariada: muitos dos jovens que se organizaram em Comissões Cívicas para animar a inscrição de cidadãos os cadernos eleitorais foram parar ao Aljube e a Caxias.

- Até o uso de isqueiros exigia licença especial. O decreto que o institui é um verdadeiro convite à arbitrariedade e à denúncia:

"É proibido o uso ou simples detenção de acendedores ou isqueiros que estejam em condições de funcionar quando os seus portadores não se achem munidos da licença fiscal.

(...) Das multas pertencerão setenta por cento ao Estado e trinta por cento ao autuante ou participante. Havendo denunciante, pertencerá a este metade da parte que compete ao autuante.

Outras disposições, consultar respectivos decretos. Decreto lei nº 28219 de 24-11-1937. Decreto Lei nº 32534 de 7-6-1943 e Lei nº 2126 de 21-6-1965."

V - Algumas considerações finais

Do que venho dizendo, uma conclusão me parece forçoso tirar:

- Pela forma absoluta das suas rupturas concebidas sempre entre um "nós" e um "eles"; pelas suas verdades generalizadoras; pela sua visão "macroscópica" das coisas, a geração de 60 não se distingue das gerações que a antecederam... desde, pode dizer-se, a Revolução Francesa. O papel da "diferença", do "micro" enquanto vectores de estruturação e "mediação" da realidade só será (talvez) uma aquisição da geração de 80.

... É esta aliás uma das questões centrais que se pretende fazer emergir no debate posterior.

Impõe ela entretanto e previamente duas precisões fundamentais.

1. Tenho-me referido à geração de 60 e na verdade só venho caracterizando uma parte dessa geração: à sua "vanguarda", à sua "elite" ou como queiramos chamar a essa fracção de uma geração que em época de viragem... aparece a exprimir e assumir a mudança: os novos valores culturais, morais, etc. e os caminhos percorridos para os impor... à semelhança por exemplo, do que "significou" em 1870 a geração de Antero, Eça, Fontana, etc....

Como alerta Durkheim "as palavras da linguagem comum, tal como os conceitos que elas exprimem, são sempre ambíguas". 'Geração' não foge à regra. Ora o facto é que para além desta camada, toda uma juventude existiu, também ela, com valores (novos) que não deixaram de interferir no processo de mudança... reflectindo-o, inflectindo-o e/ou mesmo aprofundando-o.

Recordam-se:

- A afirmação de novos "estilos" em vários campos: é então que surgem os "hot-pans", as pestanas postiças, mobiliário de estilo sueco, etc..

A lenta transformação dos hábitos e necessidades de consumo: introdução dos primeiros "pão-de-açúcar" e "self-services"; falências das salas de espectáculos degradadas (vários cinemas fecham ou renovam-se: é então que desaparece o célebre Piolho).

Pelos seus gostos - alguns com raiz na própria "ordem" e "conservadorismo" que os tempos contestam - vive esta "juventude" um quotidiano de que a "vanguarda" se demarca:

- É o "nacional-cançonestismo".

- São as fotonovelas e toda a gama de publicações da Agência Portuguesa de Revistas.

- São os filmes a martelo que mantêm de pé os Politeias ou os Odeon.

- São os Ralis (é por esta ocasião que o Rali de Portugal consegue integração no campeonato do mundo...).

- São os concursos das misses (através dos quais se celebra Vera Lagoa).

- etc., etc..

Mas a verdade é que não há uma "muralha da China" a separar estas duas camadas da juventude. Há um claro-escuro onde todo o momento se cruzam e se encontram, "trocando" valores e comportamentos:

- A "vanguarda" não lê a colecção madrepérola, a outra fracção da juventude, esta "outra geração" digamos assim, não lê "os thibault"... mas ambas se encontram na Banda Desenhada.

- A "vanguarda" não vê "Maciste" a "outra geração", não vê Citizen Kane... mas ambas se encontram em Shane ou em West Side Story.

- A vanguarda não ouve António Calvário. A "outra geração" não ouve Paul Robinson... mas ambas se encontram nos Beatles ou até em Françoise Hardy.

... O facto porém é que o "mote", o impulso e a direcção fundamentais dados à mudança, couberam à vanguarda. Não pode pois repugnar que a problematização dos paradigmas da geração de 60 se faça através desta vanguarda: às desvantagens provenientes de certos enviesamentos e estereótipos que daqui resultem, contrapõem-se as vantagens de, assim melhor se explicitar o fundamental.

2. Limitei-me à juventude portuguesa no movimento que descrevi... e não se poderá negar que a natureza do regime deu características específicas ao processo de mudança vivido em Portugal pela geração de 60.

Mas o fenómeno não foi estritamente nacional:

- Se em 62-63 os estudantes agitaram, com a sua luta, a universidade portuguesa, em 64 a poderosa Union National des Etudiants Français (UNEF) proclamava:

- "Vamos mostrar a Fouchet que somos os mais fortes".

- Zeca Afonso faz-nos pensar no espanhol Paco Ibañez, na francesa Colette Magny ou na americana Joan Baez...

- As organizações que em Portugal surgem, nos anos 60, a preconizar a violência (FAP, DRIL, MAR) remetem-nos para a vaga de movimentos que, pela mesma época, se estruturam ou reorganizam com vistas ao desencadea-

mento da luta guerrilheira um pouco por todo o mundo: Venezuela (FNAL), Bolívia (ELP), Filipinas (NEP), Espanha (ETA), EUA ("black panthers"), etc..

- O próprio salto qualitativo nos conceitos e paradigmas, verificado em Portugal no final da década de 60, nos tem de conduzir às múltiplas teses e concepções ideológicas que dominam o debate de ideias em França, no ano de 68.

- A corrente marxista leninista que se forja em ruptura com o Partido Comunista português insere-se no vasto movimento que mundo fora abala o movimento comunista: Espanha, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Itália, França, Áustria, Austrália, Índia, Brasil, Chile, Estados Unidos, etc..

Na verdade é na universalidade do processo de mudança vivido em Portugal que reside a sua profundidade e a razão de ser do seu impacto...